

O USO DE PRONOMES NEUTROS: UMA REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO LÍNGUA E CULTURA

LAÍS ALMEIDA DA SILVA SANTO¹;
DAINE NEUMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – lais.santo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daiane.neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pautas de gênero e sexualidade ganham cada vez mais espaço na atualidade e se mostram mais relevantes nas novas configurações sociais. Assim, as discussões que antes eram reservadas a um grupo específico de pessoas, agora se tornam temas que transitam em diferentes camadas da população e interessam a diferentes áreas do conhecimento, inclusive ao campo dos estudos da linguagem.

Segundo a pesquisadora Juliana Perucchi, da Universidade Federal de Juiz de Fora, foi a partir da década de 70 que o foco das questões de gênero começou a se deslocar da biologia e passou a ser discutido de acordo com o contexto dos indivíduos, sendo resultado de processos sociais e culturais. Entretanto, foi apenas no fim do século XX que o gênero passou a ser reconhecido como constitutivo da subjetividade. Para Perucchi (2009), isto se deve, sobretudo, à incorporação do debate nos movimentos sociais.

Com tamanhas mudanças sociais e culturais acontecendo, faz-se necessária uma reflexão em torno de novas formas linguísticas responsáveis por abarcar essa diversidade que testemunha as mudanças culturais. A inserção dos sujeitos em sociedade se dá via linguagem, por isso, pensar sobre as formas linguísticas se torna essencial para esse processo. Uma das diversas maneiras de inserção dos indivíduos na linguagem acontece via o uso de pronomes pessoais que, neste projeto, terão importância primordial, bem como seu valor dentro da língua e, conseqüentemente, os efeitos de sentidos advindos dos usos, em diferentes situações enunciativas.

O linguista Émile Benveniste (1966), cujos estudos servirão de base para este projeto, defende que o homem e a língua possuem uma relação indissociável, e, portanto, não há possibilidade de concebê-los separadamente. Seus estudos revelam que é somente pela língua que conseguimos nos propor como sujeitos em face ao “tu”, à sociedade. A partir da leitura das obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*, é possível compreender de que modo o uso da linguagem neutra reflete diretamente em aspectos culturais da sociedade, pois, para Benveniste, a subjetividade da linguagem não pode ser dissociada do contexto cultural em que está inserida. A prática da linguagem constitui e molda as relações sociais e culturais, tornando-se uma ponte entre o indivíduo e o mundo. Assim, a cultura influencia as formas como os sujeitos se expressam e se reconhecem na linguagem.

Os estudos de Ferdinand de Saussure também são parte fundamental do aporte teórico deste projeto, principalmente no que diz respeito à noção de língua como um sistema orgânico e social, construído pelos falantes comuns. A partir desta reflexão, entende-se a língua como um produto social, construído por

convenções coletivas e interações entre os falantes. Assim, a língua não é apenas um reflexo da realidade, mas uma construção mutável, que se adapta às necessidades dos falantes. Portanto, quando novas formas de expressão, como pronomes neutros, são introduzidas, elas refletem mudanças nas convenções sociais.

Buscando compreender o uso da linguagem neutra a partir desta fundamentação teórica, o presente projeto procura analisar de que forma a utilização dos pronomes neutros pode testemunhar e, portanto, auxiliar na compreensão de uma mudança linguística-cultural. Assim, uma análise comparativa do inglês e do português brasileiro será feita a fim de apontar a função e os efeitos de sentido provocados pelo uso dos pronomes neutros nas duas línguas e, conseqüentemente, refletir acerca das diferenças linguísticas e culturais advindas desses usos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa deste projeto consiste em três etapas: a primeira visa a aprofundar os tópicos de gênero e sexualidade para compreender e estabelecer as demandas linguísticas provindas das novas identidades de gênero; a segunda fase baseia-se em um estudo teórico acerca dos estudos da linguagem, abordando questões essenciais como a concepção de língua como sistema e como uma convenção social. Além disso, explora as relações de sentido que os enunciados contraem em diferentes situações de uso, bem como pela investigação de como se pode compreender a relação entre língua e cultura, considerando os pronomes neutros; já a terceira etapa é responsável pelo desenvolvimento da análise prática, cujo recorte ainda está em andamento, e pretende comparar e analisar os diferentes tipos de uso dos pronomes pessoais neutros nas línguas inglesa e português brasileiro.

As demandas linguísticas atuais relacionadas à questão de gênero podem levantar alguns questionamentos. Por que, para certos grupos sociais, seria tão necessário que existisse um pronome pessoal neutro como o “elu”, cujo uso vem sendo cada vez mais discutido, se temos os pronomes “ele” e “ela” que já se referem a pessoas do discurso? Os estudos de Saussure (1999) revelam que o sistema é estabelecido socialmente, o que significa que a língua é uma construção coletiva, não podendo ser alterada por um único indivíduo. Embora a língua seja um sistema relativamente estável em um dado momento, ela está sujeita a mudanças ao longo do tempo. Essas mudanças são impulsionadas por fatores sociais e históricos, refletindo as necessidades e práticas dos falantes. Assim, enquanto a língua permanece intacta em sua estrutura básica em um determinado período, ela evolui continuamente à medida que novas gerações de falantes interagem e utilizam a língua.

Além disso, para que haja uma transformação de nível sociocultural através da língua, é fundamental que se compreenda esta questão primordial: a língua deve servir ao homem nas suas mais diversas formas e complexidades, pois nada somos senão pela perspectiva da linguagem. Os estudos benvenistianos transparecem tal reflexão quando o linguista afirma:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a

linguagem ensina na própria definição do homem. (Benveniste, 1976, p. 285)

Esse trecho revela a total dependência do sujeito em relação à língua, já que, como afirma Benveniste (1976), somos definidos pela linguagem. Assim, é necessário pensar a língua como parte de quem somos e, portanto, parte das mudanças sociais que definem uma sociedade. Esta reflexão funcionará como o fio condutor do projeto, que, antes de tudo, procura demonstrar de que forma o uso dos pronomes neutros pode motivar transformações culturais.

Fundamentado em uma análise linguística de cunho linguístico-social o método de análise deste projeto, então, foi idealizado para um contexto de redes sociais, mais especificamente o *Twitter*, em que os mais variados usuários possuem a liberdade de postar aquilo que pensam cotidianamente, sem levar em consideração aspectos mais relacionados ao uso padrão da língua. Nesta plataforma, é possível traçar o uso do pronome neutro “elu” ao longo dos anos, bem como o uso do pronome “they” da língua inglesa. A análise será baseada no contexto de uso destes dois pronomes para, posteriormente, apontar a forma como estes usos evidenciam uma mudança cultural destas sociedades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos até então revelam que com a ascensão das novas identidades de gênero e com a possibilidade dos indivíduos se expressarem como desejam, há uma discordância entre os pronomes pessoais tradicionalmente elencados como parte de nosso sistema linguístico e as novas identidades que não fazem parte dos padrões de gênero. Percebe-se que os pronomes pessoais do português brasileiro, quando usados no singular, têm o papel de indicar uma terceira pessoa do discurso que precisa, necessariamente, ser uma figura masculina (ele) ou feminina (ela). Entretanto, é preciso ressaltar que a forma masculina também atua com valor neutro na língua portuguesa. Como exemplo, podemos analisar a própria classe de pronomes, que, para definir um grupo de pessoas de diferentes gêneros, possui o termo plural “eles”. Porque as formas masculinas possuem também valor neutro dentro da língua, os falantes do português não sentem necessidade de termos neutros, uma vez que o masculino já cumpre bem este papel. Quando falamos de pronomes pessoais singulares, todavia, não há nenhum que apresente caráter neutro. O termo “elu”, então, surge entre as pautas de gênero como uma saída para o idioma português que, sem um signo pronominal singular de valor neutro, se vê preso em sentidos binários para contextos inapropriados.

Por outro lado, o pronome “they”, presente na língua inglesa, aparece na análise deste projeto como um pronome de valor já consolidado na língua e, assim, usado pelos indivíduos que buscam se referir a sujeitos de gênero desconhecido ou não-binário. É importante evidenciar que em 2019, a conhecida editora norte-americana Merriam-Webster elegeu o pronome neutro “they” como “Palavra do Ano” em um artigo de seu dicionário online, o que significa que a palavra teve o maior número de buscas neste dicionário. Segundo o artigo, o pronome “they” surpreendeu pelo aumento das pesquisas, que subiram em 313% ao longo do ano de 2019. (MERRIAM-WEBSTER’S, 2019). Mesmo em processo de desenvolvimento, a análise dos usos de “elu” e “they” nesta rede social revela uma clara diferença nos números, principalmente pelo fato de que o termo da língua

portuguesa aparece pela primeira vez apenas no final do ano de 2017. Já o pronome do inglês é fervorosamente citado e, por isso, ainda não foi possível identificar o momento exato em que ele começou a ser usado com este caráter neutro.

Os resultados parciais da análise revelam que: a) o termo “elu” ainda não foi completamente aceito pelos falantes do português brasileiro, enquanto “they” já possui seu valor como pronome singular neutro consolidado na língua inglesa; b) o uso do pronome “they”, no inglês, proporciona mudanças culturais na vivência dos falantes deste idioma, já que podemos compreender o sujeito através da própria língua; c) a fomentação de pautas sociais sobre gênero e sexualidade são um caminho para alcançar uma possível mudança social e linguística no que diz respeito à neutralidade da língua.

4. CONCLUSÕES

É evidente que indivíduos isolados não têm o poder de acrescentar termos na língua, porque apenas o caráter temporal e social da língua é capaz de transformá-la, como afirma Saussure (1999, p.132): “A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.” Assim, mesmo se tratando de uma questão política e social, não cabe a nenhum indivíduo a imposição de um novo termo para a língua, assim como não se pode frear as novidades de uso da língua. Entretanto, a língua também é um sistema metamórfico, isto é, que se adapta conforme as necessidades dos falantes. Assim, esse sistema se modifica ao passo que a sociedade do qual faz parte sofre mudanças, e, desta forma, está fadado à constante transformação. Portanto, cabe aos estudiosos da linguagem testemunhar as mudanças proporcionadas pelos novos usos da língua e entender os impactos destes usos para a linguística e para a sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

Merriam-Webster's Words of the Year 2019. **Merriam-Webster**, 2019. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/words-at-play/word-of-the-year-2019-they>> Acesso em: 6 jul. 2023.

PERUCCHI, J. . **Dos estudos de gênero às teorias queer: desdobramentos do feminismo e do movimento lgbt na psicologia social**. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió. Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1999.